
Videotexto como precursor do jornalismo nos novos meios

Raquel Ritter Longhi¹

Resumo: Recuperação histórica do videotexto, sistema de transmissão e recepção de dados desenvolvido nos anos 70 e 80, que utilizava um terminal de vídeo conectado a um computador através de uma linha telefônica. Utilizado no jornalismo, o videotexto foi uma tecnologia que reuniu três meios de comunicação: a televisão, o telefone e o computador, combinados em um novo meio. Porém, talvez o mais importante seja seu tratamento da linguagem. Com o videotexto, deu-se um momento limítrofe, em que a escrita passou por alterações devido ao suporte, estimulando discussões teóricas pioneiras a respeito da linguagem nos meios digitais.

Palavras-chave: videotexto; jornalismo online; linguagem

Abstract: Historical recuperation of the videotext, system of transmission and reception of data developed in the years 70 and 80, which used a monitor connected to a computer through a telephone line. Used in the journalism, the videotext was a technology that joined three media: the television, the telephone and the computer, combined in a new environment. However, perhaps the most important is its language treatment. With the videotext, occurred a bordering moment, in which writing passed through alterations due to the support with pioneer and stimulating theoretical discussions concerning the language in the digital environments.

Keywords: videotext; online journalism; language

O videotexto

Num dos poucos livros a respeito do videotexto no Brasil, publicado em 1986, Verginio Zaniboni Netto define esse sistema como “uma nova mídia que se completa com a interligação do telefone e o televisor através de um adaptador com teclado alfa-numérico”. As informações eram armazenadas em bancos de dados, num meio que, aproveitando a infra-estrutura do telefone, seria “de baixo custo operacional, fácil manuseio e grande penetração na sociedade” (Netto, 1986: s/n). Definido pelo autor como misto de jornal e enciclopédia eletrônicos, o videotexto foi implantado em caráter experimental no Brasil em 1982, tendo como principais funções a “consulta arborescente (serviços); a videomensagem (correio eletrônico) e o Gateway (computadores distantes)” (Netto, 1986: 5).

¹ Professora no Depto. de Jornalismo (UFSC). Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). raqlonghi@gmail.com

Para Júlio Plaza, videotexto é a “síntese do computador, vídeo doméstico e cablagem telefônica que permite mostrar textos e imagens usando a telemática (informática mais redes de computação)” (Plaza, 2001: 65).

O videotexto surgiu em meados da década de 70, baseado na idéia de transmissão de informações via rede, no caso, a telefônica, interativo e reunindo mídias diferentes – o telefone, a televisão e um teclado alfanumérico, também chamado de adaptador. O primeiro desses sistemas apareceu na Inglaterra, através dos correios britânicos, em 1978, com o objetivo de criar novos serviços para estimular o uso do telefone e da televisão, que então controlava no país (Fidler, 1998: 217), e foi batizado de *Prestel*. A primeira tentativa foi uma tecnologia de transmissão de baixo custo, o teletexto (FIG. 1), através do qual, com um decodificador e um teclado numérico, os usuários podiam solicitar uma informação específica entrando com o número de página correspondente. A tecnologia utilizava os separadores vazios entre os quadros da televisão para disponibilizar centenas de páginas de texto de forma sequencial e em círculo contínuo (Fidler, 1998: 434).



Fig. 1: Interface do teletexto (Fonte: Wikipedia)

O teletexto, porém, enfrentava limitações técnicas, especialmente referentes ao volume de conteúdo e baixas taxas de transmissão, o que levou os pesquisadores a buscar alternativas. Elas vieram com o videotexto. O novo sistema seria fundado em base de dados, num modelo hierárquico, adaptado do teletexto, mas com maiores possibilidades de distribuição de informações, uma vez que permitia conectar os usuários diretamente a bases de dados centrais por via telefônica. “Videotexto deveria ser o serviço de base de dados informáticos fácil de usar para pessoas que não sabiam manejar computadores, o que nos anos setenta significava praticamente todo o mundo” (Fidler, 1998: 219).

O videotexto foi lançado, então, como um terminal de vídeo ligado a uma linha telefônica, que permitia a comunicação interativa com bancos de dados, para acesso a informações de interesse público e cotidiano, como notícias e serviços, tais como restaurantes, horários de aviões e de trens, programação de TV, cinema, teatro, concertos etc, na forma de textos, gráficos e figuras. As páginas estavam ligadas a menus, que configuravam as chamadas “árvores de decisão” (Fidler, 1998: 219). Partindo de um menu principal, os assinantes podiam avançar por uma série de ramos e submenus, usando os números apropriados em seus teclados, até chegar à informação desejada.

Com esse sistema, os serviços de videotexto podiam oferecer aos assinantes uma informação variada e aprofundada, muito maior que o teletexto ou qualquer outra forma existente nos meios massivos. A partir de 1978, a *Prestel* recrutou editores de jornais, revistas, livros e catálogos, assim como agências de publicidade e instituições educativas, para que servissem de “provedores de informação” para o videotexto, considerado por Fidler como uma das primeiras formas de cibermeio (1998: 220). Esses fornecedores utilizavam um terminal de edição e enviavam suas mensagens ao computador central, atualizando os dados permanentemente, num sistema pioneiro de comunicação mediada por computador.

Em 1986, os principais sistemas de videotexto em uso no mundo, segundo Netto (1986) eram o *Prestel*, na Inglaterra; o *Antiope*, na França, o *Telidon*, no Canadá e o japonês *Captain*, todos adaptados a tecnologias de transmissão locais. O sistema de videotexto mais conhecido, entretanto, é o *Minitel* (FIG. 2), que se tornou uma mania nacional (Ghenov, 1989: 344). Lançado pelo governo francês no final de 1978 como ferramenta para substituir as guias telefônicas impressas, o *Minitel* tinha o objetivo de aliar a telefonia às redes de computadores depositárias de grandes bancos de dados de interesse público (Ghenov, 1989: 345). Segundo Alvarez Marcos, em 1995 o *Minitel* tinha mais de 6,5 milhões de assinantes e 23 mil bases de dados associadas. Diferente do resto do mundo, o *Minitel* francês teve bastante êxito, e existe até hoje, agora na WWW. O sucesso do sistema, segundo o mesmo Ghenov, teria se dado devido à criação de um mercado de fornecedores de serviços associado à rápida difusão de terminais, distribuídos gratuitamente ou por valores simbólicos não só para assinantes residenciais e empresariais, mas também em locais públicos (Ghenov, 1989: 345).



Fig. 3. Interface do sistema de videotexto da Associação Jornalística da Baixada Santista. (Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/ano97/97hista7.htm>)



Fig. 4. Interface do sistema de videotexto da Associação Jornalística da Baixada Santista (Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/ano97/97hista7.htm>)

Videotexto e jornalismo

Os anos oitenta foram de exploração para o jornalismo, em que os jornais experimentaram uma série de opções técnicas de comunicação, que incluíam serviços de dados para computadores pessoais, como lembra Boczkowski (2006: 37). Dentre tais alternativas, segundo o autor, que estudou o caso dos Estados Unidos, o videotexto foi a que obteve maior atividade, financiamento e expectativas (Boczkowski, 2006: 39), tendo sido visto como o símbolo de uma futura “sociedade da informação”. Os diversos sistemas foram desenvolvidos em ambientes fechados, ou seja, nos quais era impossível o acesso à informação e aplicações de um sistema por parte de assinantes de outros sistemas, com interfaces que apresentavam uma série de opções de identificação numérica, principalmente mediante texto e alguns gráficos simples, segundo o mesmo autor.

O primeiro jornal em videotexto teria sido, segundo Boczkowski, o *Columbus Dispatch*, que começou a publicar sua edição eletrônica pela

CompuServe em 1980, como um experimento de publicação eletrônica que duraria dois anos, coordenado pela agência Associated Press junto com o New York Times, Washington Post e Los Angeles Times. A mecânica da edição eletrônica era simples, como lembra o mesmo autor:

Tão logo a redação do Columbus Dispatch enviava as notícias ao sistema informático do jornal para impressão, os editores da redação da edição eletrônica conferiam um índice e uma prioridade a cada nota, adaptavam os títulos para se ajustar ao índice da CompuServe e enviavam as notícias aos computadores para sua distribuição final (Boczkowski, 2006: 42).

Os resultados da tentativa foram positivos para o jornalismo impresso, que viu se dissiparem as ameaças do videotexto, segundo o relatório da Associated Press, dando conta de que aquela forma de distribuição eletrônica de informação não representava qualquer ameaça aos jornais². Boczkowski aponta alguns motivos para isso, que vão desde o pouco interesse dos leitores aos conteúdos via eletrônica, ao fato de que o jornal eletrônico oferecia os mesmos conteúdos dos jornais impressos, o que não satisfazia os usuários (Boczkowski, 2006: 43).

Algumas outras experiências foram desenvolvidas, dentre as quais se destaca a do grupo Knight-Ridder, em 1980, o *Viewtron*. Em grande parte uma resposta às preocupações do grupo com a ameaça das tecnologias informáticas emergentes para o jornalismo impresso, o sistema foi baseado no britânico *Prestel*. Em conjunto com os laboratórios Bell, responsáveis pela tecnologia necessária ao empreendimento, o *Viewtron* foi lançado para um mercado de teste, em 1980, contendo informação geral, listas de eventos locais e referências sobre diversos temas, além de organizar concursos e ajudar na entrega de produtos solicitados pelos assinantes, como relata Fidler (1998: 226).

O serviço norte-americano foi disponibilizado ao público em geral em 1983, com predições de especialistas que anunciavam de 10 a 50 milhões de lares com videotexto para o começo da década de 90, e a extinção dos jornais impressos num futuro próximo (Fidler, 1998: 231). Tratava-se de um serviço *online* comercial, que passou a ser explorado pelos grandes grupos de comunicação como uma alternativa ao jornalismo impresso. Desde o início, aliás, segundo Fidler, o videotexto foi considerado uma extensão lógica dos jornais impressos: “Acreditava-se que os benefícios que traziam esses sistemas era de prover notícias e informação mais atualizada, profunda e pessoal” (Fidler, 1998: 233). Antecipando o futuro que hoje se configura, a suposição da Knight-Ridder era de que o *Viewtron* seria um jornal “atualizado minuto a minuto, oferecendo uma riqueza de informação que não havia nos meios de circulação massiva” (Fidler, 1998: 233).

Ao mesmo tempo, portanto, em que era implantado, num contexto em que a informatização das redações era crescente, o videotexto configurou-se

² Conforme o artigo “Electronic newspaper found profitable”, publicado por Lawrence Blasco, diretor de tecnologia da informação da Associated Press no jornal *Editor & Publishing*, de 28/08/1982, pp 7-8, citado por Boczkowski, 2006, p. 43.

numa ameaça aos meios tradicionais, ocupando boa parte das preocupações da indústria jornalística naquele momento. O sistema poderia piorar uma situação que já estava difícil, segundo Bockzkowski, por várias razões, dentre elas, o estancamento da circulação, o aumento dos custos de impressão dos jornais, as mudanças nos hábitos de leitura (2006, p. 40). As alternativas eletrônicas, então, eram um avanço que iria competir com os jornais impressos em relação ao mercado de anúncios classificados, e ainda, como uma possível solução para problemas colocados pelas mudanças no contexto socioeconômico. Isso, por exemplo, “proporcionaria às empresas de jornais um canal de difusão distinto do papel, com menores custos de produção e distribuição que os impressos e maiores atrativos aos consumidores jovens, acostumados com a televisão” (Bockzkowski, 2006: 41).

As repercussões desse momento chegam ao Brasil, que então já implantava seu sistema de videotexto, como mostra a matéria publicada no jornal O Estado de S. Paulo, de 22 de novembro 1982, reproduzido por Netto (1986). O artigo, intitulado “Jornal eletrônico não substitui tão já o jornal impresso”, discute essa questão a partir de entrevista com a diretora de textos eletrônicos da Universidade da Flórida, Hellen Adler. A notícia relatava que 60 jornais e editoras norte-americanas estariam fazendo experiências com o jornalismo eletrônico. A pesquisadora afirmava que “um público cada vez mais ávido por informação poderá chegar a comprar este serviço como uma fonte suplementar de anúncios e informações colocados incessantemente em dia...”. O artigo ainda informava que até então, apenas uma empresa tinha começado a prestar serviços comerciais com jornal eletrônico, a Field Interprises, de Chicago, cobrando 19,90 dólares mensais. Adler chegou a anunciar aos editores de jornais que eles tinham “um novo produto nas mãos”, e que teriam que ensinar o público a lidar com ele.

O videotexto, como se percebe, teve altos e baixos, começando com grandes investimentos de companhias privadas e governos para o desenvolvimento e comercialização de serviços de videotexto, entre 1977 e 1986, e culminando com a extinção desse tipo de serviço em 1986, muito devido ao pouco entusiasmo por parte dos consumidores. O *Viewtron* e o *Gateway*, serviço oferecido pelo grupo Times Mirror, também fechariam as portas. O fracasso do videotexto foi um alívio para os empresários da imprensa, que viram extinguir-se a ameaça dos meios eletrônicos para os jornais impressos (Fidler, 1998: 232). Algumas razões para a falência do sistema são analisadas pelo autor, destacando-se a falta de atualização da informação, a demora no acesso e recuperação, os custos elevados, o entendimento por parte dos usuários em relação ao serviço, pois esses consideravam tal tipo de informação uma fonte secundária, ou seja, a ser acessada somente após esgotarem-se outras fontes disponíveis, e ainda, o fato de tal tecnologia ter sido desenvolvida baseada na televisão, ao invés de um serviço de dados *online* (Fidler, 1998: 236).

Videotexto, um precursor?

O surgimento da rede de computadores certamente serviu para definir mais claramente o jornalismo nos novos meios. Além disso, especificidades como a combinação de mídias e a interatividade também, são marcantes e definidoras. Os primeiros jornais a ocuparem as telas de computador em rede, definidos como jornais *online*, datam da década de 90, acessáveis pela Internet. Quanto ao videotexto, guardadas as devidas proporções referentes ao estágio de avanço técnico das redes de computadores e toda a tecnologia (*hardware* e desenvolvimento de *software*) a elas relacionada, pode-se especular que as ideias presentes no sistema, por exemplo, em relação ao acesso por linha telefônica, através de terminais dedicados (um equipamento de televisão equipado com um decodificador especial ou um computador pessoal), o armazenamento da informação em banco de dados, e ainda, o acesso de certa forma interativo, dentre outras, foram o embrião do que mais tarde, na década de 90, passou a ser desenvolvido até chegar ao que temos hoje.

Sistemas como o o videotexto e o teletexto são avaliados por Álvarez Marcos como os primeiros suportes digitais de comunicação, que chegaram a ser entendidos como publicações “eletrônicas” e sistemas telemáticos. O videotexto, além disso, poderia ser considerado em parte interativo, segundo o mesmo autor, pois baseava-se em uma tecnologia bidirecional, no caso, o telefone (Álvarez Marcos, 2003: 235). O português Hélder Bastos remetia a origem dos primeiros jornais *online* ao videotexto, em artigo escrito em 1995, observando que, se não se sabia para onde iam, pelo menos se identificava a origem dos jornais “eletrônicos”. Lembra que a maior parte dos utilizadores, então, desejava “recolher informação e armazená-la para consumo próprio” (Bastos, 1995: s/n.).

Videotexto e linguagem

O videotexto talvez tenha mais importância na história da evolução dos novos meios, se forem considerados os estudos sobre a linguagem videográfica, que teve em Júlio Plaza seu principal expoente. As discussões desse autor relativas à linguagem digital já introduziam o conceito de multimídia e intermídia, acompanhadas de criações poéticas em videotexto, experimentando com a linguagem que então se configurava naquele meio. Videotexto seria o produto da síntese qualitativa do computador, vídeo doméstico e do telefone, que, para o autor, era definido como “intermídia”. Seria composto por “textos-imagem”, no dizer do autor (1998: 152), onde “escrita e imagem se absorvem e iconizam, criando ritmos espaço-temporais silenciosos e próprios, ao mesmo tempo que, pela repetição do padrão luz-ponto, cria-se o efeito sinestésico do tatear, andar e apalpar (...)” (Plaza, 1998: 153).

O que aparecia com o videotexto pode ser visto como um dos sinais que marcam a terceira grande “mediamorfose”, ou seja, o desenvolvimento de uma classe de linguagem, que vai influir radicalmente na evolução da comunicação da civilização, a linguagem digital (Fidler, 1998: 59).

O estatuto da escrita no suporte da tela chamou a atenção de estudiosos sobre as mudanças que poderiam estar acontecendo em relação à escrita e à linguagem. Pode-se mesmo especular que talvez tenha sido nessa espécie de reformulação da linguagem escrita, que residiu a grande mudança – e promessa – do videotexto. Netto atentava para essa particularidade e tudo o que ela representava para o progresso dos meios e da comunicação. Para esse autor, tratava-se de recriar a linguagem escrita “(...) em formas abreviadíssimas, adaptáveis ao espaço da tela de tevê, isto é, dizer o máximo num mínimo de espaço-tempo, através dessas novas propriedades de uma escrita-desenho em movimento de luz-cor” (Netto, 1986: 31).

O já citado Júlio Plaza pesquisou a potencialidade do videotexto para a criação, especialmente verificando o seu caráter híbrido, que para ele, se anunciava nos meios digitais. Tratava-se de investigar a passagem da escrita para a imagem que acontecia no suporte eletrônico, num movimento onde “os textos-imagem circulam pelos cabos telefônicos, pelas memórias do computador e se escandem no vídeo doméstico, conforme é solicitado pelo usuário” (Plaza, 1998: 152).

O videotexto “descarna o ato de escrever e torna transparente a formação da imagem pela varredura (...)” (Plaza, 1998: 153). Assim, uma das primeiras consequências “estéticas” do videotexto foi a possibilidade de criação de imagem a partir da escrita. O artista produziu obras específicas para o videotexto (Fig. 5), criadas e disponibilizadas com essa tecnologia. Eram novas representações relacionadas ao simbólico, no dizer de Plaza, que definia as “novas” imagens como aquelas que

(...) tornam visíveis as qualidades intrínsecas às estruturas tecnológicas, para propor significados em abertura total: são os signos icônicos que atuam por semelhança. Surgem assim poéticas intersemióticas e imagens-linguagem que colocam em dominância os caracteres ideogrâmicos (a analogia, o diagrama, o ‘não-verbal’ e a parataxe), sobre os caracteres ‘gutemberguianos’ (da lógica, a linearidade, o verbal, a hipotaxe e o discurso) (Plaza, 1998: 22).

Partindo do caráter híbrido do videotexto, os estudos de Júlio Plaza exploraram o que de mais profundo havia na linguagem que então se avizinhava nos meios eletrônicos, salientando seu potencial de configuração proporcionada pela videografia e também de difusão, já que se tratava de um “uma imagem numérica, texto e imagem ‘tramados juntos’”. Uma imagem que, quando solicitada (pelo usuário) “adquire todo seu potencial telemático, que permite sua transmissão para as casas, cidades e países, isto é, além das fronteiras, nos meios teias-telas que envolvem o planeta (...)” (Plaza, 1998: 152).

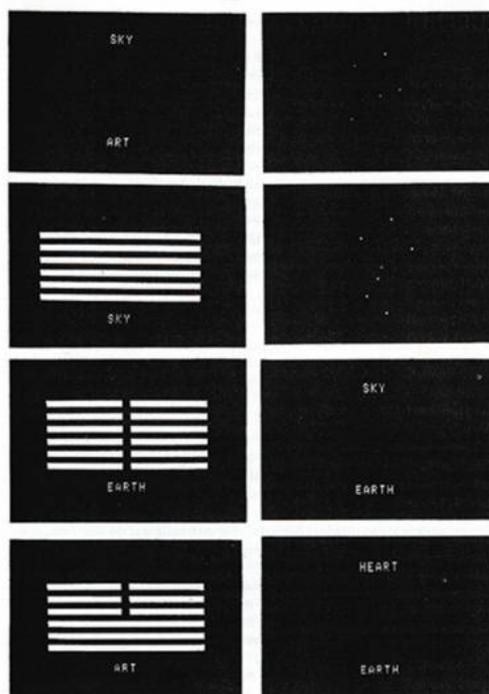


Fig. 5: Skyart, criação em videotexto de Júlio Plaza.(Fonte: <http://www.canalcontemporaneo.art.br/images/873.jpg>)

Sem dúvida, o trabalho de Plaza, originado do videotexto, apesar de ser em grande parte voltado para a criação poética, antecipou algumas das idéias que estão sendo desenvolvidas nos dias correntes, após a explosão dos novos meios de comunicação na WWW, especialmente com relação à convergência de meios e linguagens.

Considerações finais

Este artigo buscou fazer uma recuperação do videotexto enquanto sistema de comunicação e produto jornalístico, inserindo-o na história do jornalismo *online* na qualidade de precursor desse tipo de jornalismo e ao mesmo tempo um meio que anunciava o que estava por vir com relação às então emergentes NTCI – Novas Tecnologias de Comunicação e Informação, na década de 1980. Se atentarmos para suas características técnicas, veremos que o videotexto poderia representar o embrião das primeiras aplicações textuais digitalizadas com o objetivo de informação e comunicação e a semente do que viria a ser a grande rede e o jornalismo dela característico.

O mais importante, porém, nessa recuperação, diz respeito a uma discussão sobre a própria evolução das mídias de comunicação e informação, na qual o videotexto sem dúvida tem um lugar fundamental, especialmente levando em conta que a partir desse sistema foi gerada uma preocupação teórica em torno da linguagem nos meios digitais, acompanhada de momentos-chave da criação expressiva nesses suportes.

A promessa do videotexto, neste sentido, foi colocar a linguagem nos meios digitais num nível de debate elevado nos meios acadêmicos e artísticos, uma discussão que ainda hoje estimula as investigações sobre o estatuto da linguagem nos meios digitais, inclusive em relação à hibridação, e que contribuiu para o desenvolvimento da linguagem nos novos meios.

Referências

- ÁLVAREZ MARCOS, José. El periodismo ante la tecnología hipertextual. In: NOCCI, Javier Diaz e SALAVERRÍA ALIAGA, Ramón (coords.). *Manual de Redacción Cyberperiodística*. Barcelona: Ed. Ariel, 2003, pp. 231-259.
- BARBOSA, Suzana Oliveira. Jornalismo Digital em Ambientes Dinâmicos. Propriedades, rupturas e potencialidades do Modelo JDBD. In: Observatório (OBS*) Journal, 4 (2008), 217-244.
- BASTOS, Hélder. Os herdeiros do videotexto. In: site Comunicarte. Disponível em: <http://www.geocities.com/CollegePark/4230/comun41.htm>. Acesso em: 01/07/2008.
- BOCZKOWSKI, Pablo I. *Digitalizar las noticias. Innovación en los diarios online*. Buenos Aires; Manantial, 2006.
- FIDLER, Roger. *Mediamorfosis. Comprender los nuevos médios*. Buenos Aires, Granica, 1998.
- GHENOV, André. Processos técnicos e novas tecnologias: o videotexto. In: Revista de Biblioteconomia de Brasília, 17 (2), pp. 339-348. Jul/Dez. 1989. Disponível em pdf em: <http://164.41.105.3/portalesp/ojs-2.1.1/index.php/RBB/article/viewFile/491/470> Acesso em 11/11/2008.
- NETTO, Verginio Zaniboni. *Videotexto no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1986.
- PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. *Videografia em Videotexto*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. e TAVARES, Mônica. *Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SALAVERRÍA, Ramon. *Redacción Periodística en internet*. Eunsa: Navarra, ES, 2005.
- SIQUEIRA, Ethevaldo. Duas histórias da revolução digital, *copyright* O Estado de S. Paulo, 22/09/2002. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp2509200298.htm> Acesso em: 17/06/2008
- WARD, Mike. *Jornalismo Online*. São Paulo: Roca, 2007.